

CONEXÃO DE ORAÇÕES: EXPRESSÃO DO TEMPO EM REDAÇÕES DE ALUNOS DO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Luiza Macêdo de Lima
Universidade Federal Fluminense

Jussara Abraçado
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Neste artigo são analisadas, com os parâmetros propostos por Lima-Hernandes (2004), as formas de conexão de orações envolvendo a expressão do tempo. Pretende-se aqui, com o respaldo teórico do funcionalismo linguístico, verificar e quantificar, em termos percentuais, as formas pelas quais a noção de tempo é estabelecida nas redações, buscando desvelar as motivações que influenciam tal organização. Nos resultados encontrados, destacam-se evidências de que a manifestação de tempo em orações complexas se dá, preferencialmente, através de orações hipotáticas finitas, havendo clara preferência, em termos de ordenação, por alocar em posição inicial a oração que carrega a marca temporal.

PALAVRAS-CHAVE: Conexão de orações. Expressão do tempo. Funcionalismo linguístico.

ABSTRACT: In this article are analyzed, with the parameters proposed by Lima-Hernandez (2004), forms of sentences connection involving expression of time. It is intended here, with the backing of theoretical linguistic functionalism, verify and quantify, in percentage terms, the ways in which the notion of time is established in student's writings, seeking to uncover the motivations that influence this organization. In the results, we highlight evidence that the manifestation of time in complex sentences takes place preferentially through hypotactic finite clauses, with a clear preference in terms of ordering by allocating in initial position the sentence that carries the time expression.

KEYWORDS: Clauses connection. Time expression. Linguistic functionalism.

Introdução.

O propósito deste trabalho é o de investigar, em redações de alunos do segundo segmento do ensino fundamental de duas escolas públicas do Rio de Janeiro, de que maneiras são estabelecidas as conexões das orações nas quais se verifica a expressão do tempo. A análise leva em conta os parâmetros propostos em estudo de Lima-Hernandes (2004) sobre estágios de gramaticalização da noção de tempo em português e processos de combinações de orações. Pretende-se, com o respaldo teórico do funcionalismo linguístico, verificar e quantificar, em termos percentuais, as formas pelas quais a noção de tempo é estabelecida em orações complexas pelos alunos em suas redações, buscando desvelar as motivações que influenciam a organização de tais orações. Para tanto, este trabalho organiza-se da seguinte forma: em (1) é abordada a noção do tempo em língua portuguesa; em (2) são destacadas as formas de expressão do tempo em língua portuguesa; em (3) é desenvolvida a análise dos dados; e em (4) são discutidos os resultados encontrados na análise realizada em (3).

1 A noção do tempo em língua portuguesa.

A ideia de tempo, objeto de estudo e reflexão desde o começo do mundo, é indicada por períodos de duração de algo ou duração entre dois eventos. É possível dizer que um evento acontece *depois* (ou antes) de outro; e pode-se medir o *quanto* de tempo ocorre esse depois (ou o antes). O tempo, portanto, faz parte do sistema de medições que sequencia eventos ou compara a duração de tais eventos.

Nunes (1995, p. 17), partindo de relógios de sol e ampulhetas que marcam o tempo físico, destaca que o conceito de tempo, desde Newton – com seu tempo absoluto – e Einstein – com a concepção plural da relatividade do tempo –, é influenciado pelos estudos da física. De acordo com o autor, Newton, no século XVII, separou o tempo relativo, “aparente e vulgar”, do tempo absoluto, “verdadeiro e matemático”, cujo funcionamento seria uniforme em correlação com o espaço. Já no século XX, o tempo físico foi relativizado por Einstein, que levou em conta acontecimentos simultâneos. Dessa forma, em vez do relógio universal e único proposto por Newton, Einstein formulou a ideia de interdependência do espaço e do tempo admitindo um relógio para cada sistema de relação entre eventos e cada porção do espaço (*ibid.*, p. 18).

Vindo do tempo físico, surgiu o tempo cronológico, que é organizado através de calendários. Ainda conforme Nunes, o conceito desse tempo público

apresenta recortes ligados a fenômenos socioculturais, dentre outros: tempo litúrgico (usado em celebrações religiosas); tempo político (usado para a periodicidade de eventos cívicos); e tempo histórico (usado para marcar períodos de determinados acontecimentos socialmente relevantes).

Ao lado de tais concepções, há, ainda, o tempo linguístico, o tempo do discurso. Os eventos, no tempo do discurso, são ordenados a partir do presente da enunciação, que é o eixo temporal discursivo (NUNES, 1995, p. 22). Dessa forma, é possível falar sobre o que está acontecendo, o que acontecerá ou o já acontecido partindo-se do momento da fala – o referencial temporal da linguagem.

Em língua portuguesa, de acordo com Costa (2002), a enunciação de tempo é bastante complexa e sua manifestação se dá através de construções compostas por verbos, preposições, pronomes, conjunções e advérbios.

Para expressão de referência ao tempo, em língua portuguesa, são usadas duas categorias linguísticas: o tempo e o aspecto. Embora ambas sejam categorias temporais, pois têm por base referencial o tempo físico, diferem, em um ponto de vista semântico, pela concepção de tempo interno (o aspecto) e tempo externo (o tempo).

Conforme Comrie (1976), as noções semânticas relativas ao tempo apontam para a localização do fato enunciado relacionada ao momento da enunciação. Tais noções semânticas são as ideias de presente, passado e futuro. Por outro lado, as noções relativas ao aspecto (*ibid.*) apontam para a duração do processo verbal estabelecendo início, curso, instantaneidade e fim de tal processo. O aspecto está ligado, dessa forma, à codificação linguística da situação, e não à localização cronológica e formaliza seus limites temporais: global, quando não há interesse em definir a constituição temporal interna, aspecto representado pelo perfectivo; ou com alguma delimitação temporal interna, aspecto representado pelo imperfectivo.

Para tratar do tempo em uma língua, concordam Marçalo e Lima-Hernandes (2010, p. 7), é preciso “localizar os acontecimentos linguísticos em relação ao momento em que se encontra o falante”. Dessa maneira,

o tempo assim compreendido, ao que se chama em sentido lato, o tempo do discurso, organiza-se em torno do ponto dêictico da enunciação que designa o ponto temporal e espacial em que o falante está situado no momento em que fala (T°). Aos acontecimentos linguísticos que ocorrem no momento em que o falante produz o enunciado atribuímos o tempo presente. Por conseguinte, os outros tempos subdividem-se, conforme a localização que têm com o presente, em: passado (que situa acontecimentos linguísticos antes do momento em que

se fala), e o futuro (que situa os acontecimentos linguísticos depois do momento em que se fala). (*Ibid.*)

Da mesma forma, Fonseca (*apud* ABRAÇADO, 2006, p. 142) explica que presente, passado e futuro, vistos através da linguagem, não são noções absolutas, pois são relativos ao momento da enunciação. Essa relativização é justamente o que formaliza a dêixis temporal, já que a “interpretação semântica de advérbios temporais como *hoje, ontem, amanhã*, ou de tempos verbais como *estou, estive, estarei*, pressupõe uma prévia identificação pragmática do momento de enunciação” (*ibid.*).

É possível, portanto, corresponder todos os acontecimentos linguísticos a um dos três tempos naturais (presente, passado e futuro) partindo-se da anterioridade, simultaneidade ou posterioridade que tenham eles em relação ao momento da enunciação (MARÇALO e LIMA-HERNANDES, 2010, p. 7).

Conforme Marçalo e Lima-Hernandes (2010), os tempos verbais são estabelecidos em correspondência com os tempos naturais. O presente é um tempo indivisível; mas, considerando-se “indicações cronológicas mais precisas”, passado e futuro podem ser subdivididos. Ainda segundo as autoras, como em língua portuguesa não há marcação de aspecto nas formas verbais, o tempo escolhido é que aponta o valor aspectual.

Costa (2002, p. 29) expõe que aspecto e tempo são as duas categorias pelas quais o tempo físico é manifestado em todas as línguas, mas é do falante a escolha de marcar aspectualmente ou não o enunciado. A importância dada pelo falante à temporalidade interna do que enuncia determina tal marcação. No entanto, ainda de acordo com Costa, dificilmente é possível essa escolha em relação ao tempo, pois “sendo esta uma categoria dêitica, impõe limites muito mais rígidos ao falante, que não pode furtar-se ao seu próprio estar no mundo” (*ibid.*).

2. A expressão do tempo em língua portuguesa.

Em língua portuguesa, a noção e as relações referentes à expressão do tempo podem ser expressas de diferentes formas, através de diferentes categorias, conforme será detalhado a seguir.

2.1 Verbo e adjunto adverbial.

A categoria gramatical principal para expressar as relações temporais que há na enunciação é o verbo. Para Cunha (1975, p. 368), “tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo”. Azeredo (2008, p. 180) diz que o verbo ocorre “para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa. Destas cinco categorias, o tempo é a que caracteriza mais objetivamente o verbo”.

Segundo Reichenbach (*apud* ILARI, 2001, p. 13), a categoria tempo tem como função relacionar de forma cronológica três momentos estruturalmente relevantes na expressão linguística do tempo. O primeiro é o momento no qual o processo expresso no enunciado se realiza, é o momento do evento (ME). O segundo é o momento no qual é feita a enunciação do evento, é o momento da fala (MF). O terceiro é o momento que situa as relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade entre o momento do evento e o da fala, é o momento da referência (MR).

Para Reichenbach, portanto, as formas verbais localizam no tempo físico os fatos do enunciado em relação ao ato da fala. No entanto, a relação entre o momento do evento e o momento da fala é mediada pelo momento de referência. Embora haja treze relações possíveis de serem expressas entre os três momentos, muitas vezes é necessário o uso de advérbios e auxiliares verbais para expressar tais relações.

Usando como base as relações entre os três momentos do enunciado, a semântica atribuída às relações e os tempos verbais empregados no momento da referência, Ilari (2001, p. 27) apresenta as seguintes conclusões relativas à língua portuguesa:

- não há necessidade de explicitar o momento de referência, em alguns casos, em razão da relação estabelecida entre os tempos verbais utilizados em determinado texto garantir a localização cronológica;
- o emprego do imperfeito no começo dos contos infantis, além de mostrar que o momento do evento é diverso do momento de referência, mostra que os acontecimentos expressos pelo imperfeito é referência do momento do evento que em seguida será enunciado com o pretérito perfeito;
- nos contextos que são tipicamente narrativos, o momento de referência de uma sentença está, geralmente, no momento do evento da sentença anterior (tal disposição garante a sequência linear dos fatos narrativos);
- uma sequência de sentenças no perfeito do indicativo normalmente é interpretada como referencial a fatos sucessivos (o momento da referência da segunda sentença seguinte é posterior ao da anterior);

- em uma narrativa, uma sequência de sentenças no imperfeito do indicativo é interpretada como indicativo de que o momento de referência é único para todas as sentenças, produzindo um efeito de descrição.

Também os adjuntos adverbiais de tempo, conforme explica Pontes (1992, p. 70), expressam relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade entre o momento do evento e o momento da fala. Da mesma forma que os tempos verbais, os adjuntos adverbiais são dependentes do contexto discursivo. Segundo Pontes (*ibid.*), em razão da concepção de tempo ser dependente das orientações entre dois ou mais espaços, “advérbios de lugar são usados metaforicamente para indicar tempo, conservando todos os seus traços significativos como espaço”. Ainda de acordo com a autora, locuções adverbiais, preposições e locuções prepositivas podem igualmente indicar tempo quando empregadas metaforicamente.

2.2 Circunstanciadores temporais.

Martelotta (1993, p. 16), em seu estudo sobre a ordenação dos circunstanciadores temporais (advérbios, adjuntos adverbiais, orações adverbiais e operadores argumentativos que expressam a noção de tempo), parte da ideia do discurso narrativo estruturar-se nos planos figura e fundo, para discorrer sobre a aplicação desses planos em discurso não narrativo:

Na narrativa, a oposição figura/fundo se manifesta do seguinte modo: tendem a funcionar como figura os eventos marcados pelos traços [+específico], [+perfectivo], [+cinético], [+punctual]. E, como fundo, as situações levam basicamente os traços [-específico], [-perfectivo], [-cinético], [-punctual].

O discurso não-narrativo também apresenta essa distinção. Funcionam como figura eventos marcados pelos traços [+específico], [+perfectivo], [+cinético], [+punctual]. E, como fundo, as situações que levam os traços [-específico], [-perfectivo], [-cinético], [-punctual] (MARTELLOTA, 1993, p. 17).

Há, conforme o autor (*ibid.*, p. 16), dois níveis de distinção entre figura e fundo. No primeiro nível, existe a intenção do falante de direcionar o fluxo do discurso para a narrativa ou para a não narrativa. Se o falante está produzindo uma narrativa, os eventos e as situações não narrativos servem como fundo; se, por outro lado, o falante está comentando ou descrevendo, as situações e

os eventos narrativos servem como fundo e agem evidenciando o comentário ou a descrição. Ao ser direcionado o fluxo discursivo para um dos planos, fica estabelecido o segundo nível de distinção entre figura e fundo, encontrada nos traços semântico-gramaticais que os caracterizam.

Em seu trabalho, Martelotta (1993, p. 21) demonstra que a noção de circunstância é adaptável aos aspectos pragmático-discursivos que permeiam o ato da comunicação. Dessa forma,

não só a circunstância temporal assume formas diferentes, expressando noções temporais determinadas, indeterminadas, simultâneas, iterativas e delimitativas, como também as diferentes noções circunstanciais acabam se adaptando umas às outras ou se adaptando à expressão de diferentes relações lógicas no texto.

Martelotta (*ibid.*, p. 18) adota a seguinte classificação de tipos circunstanciadores de tempo:

a) Circunstanciadores de tempo determinado — dão uma indicação relativamente precisa do momento em que ocorre o evento. Aparecem normalmente em eventos específicos, mas também podem aparecer em eventos não específicos desde que apresentem o traço [+punctual].

Ex.: Hoje, ontem, semana passada, às sete horas, quando ele chegou etc.

b) Circunstanciadores de tempo indeterminado — dão a ideia de que eventos e situações ocorrem não em um momento específico, mas ao longo do tempo. Aparecem normalmente ligados a eventos e situações marcados pelo traço [–específico].

Ex.: Sempre, geralmente, atualmente, nunca, nunca mais etc.

c) Circunstanciadores iterativos — indicam a frequência com que os eventos não específicos ocorrem ao longo do tempo.

Ex.: Às vezes, duas vezes por semana, de vez em quando etc.

d) Circunstanciadores de simultaneidade — delimitam eventos ou situações indicando início e/ou fim de sua permanência no tempo.

Ex.: Há três anos, até hoje, durante três meses etc.

A expressão do tempo em língua portuguesa muito frequentemente ocorre em enunciados constituídos de orações complexas. Sendo o alvo principal de atenção deste estudo, tais enunciados merecerão uma abordagem mais detalhada na seção que se segue.

2.3 Manifestação no nível da sentença: orações complexas.

Tradicionalmente rotulados de períodos compostos, os enunciados constituídos de orações complexas são aqueles formados por: (1) orações autônomas, que podem “ocorrer no discurso realizando um ato enunciativo completo, independente de qualquer segmento verbal precedente ou subsequente”, ligadas umas às outras por coordenação (AZEREDO, 2008, p. 290); (2) por orações que desempenham alguma função em alguma das outras orações, havendo, portanto, um processo de subordinação; (3) por ambos os tipos.

Coordenação (ou parataxe) e subordinação (ou hipotaxe) são, conforme Azeredo (*ibid.*), processos de construção. A coordenação liga partes do texto — palavras, sintagmas ou orações — que são equivalentes formal e funcionalmente; a subordinação liga partes que são distintas tanto formal quanto funcionalmente.

A chave desta distinção é a noção de “hierarquia”. Com isso estamos dizendo que, ao se combinarem numa construção, as unidades gramaticais – palavras, sintagmas, orações – se associam por dois modos básicos distintos: ou elas se situam no mesmo nível de modo que a presença de uma independe da presença da outra (coordenação ou parataxe), ou elas se situam em níveis distintos, imediatos ou não, de modo que uma delas é a base e a outra serve de complemento ou de termo adjacente (hipotaxe ou subordinação) [*Ibid.*, p. 294].

Estudiosos de visão funcionalista, pautando-se em dados provenientes da língua em uso, têm apontado fatores importantes para o desencadeamento de novos sentidos nas relações entre orações. Halliday (1985), por exemplo, propõe a análise das orações complexas em duas dimensões: sistema tático, referente à interdependência entre elementos; e sistema lógico-semântico, referente à relação entre processos, sem vínculo com o modo de organização e estruturação do enunciado.

Nas palavras de Braga (2001),

Halliday analisa as orações complexas segundo duas dimensões: tipo de relações semântico-funcionais e dependência. O sistema da interdependência, ou sistema tático, inclui a *parataxe* e a *hipotaxe* e aplica-se a todos os complexos, sejam palavras, grupos, sintagmas ou orações. Hipotaxe é uma relação entre um elemento dependente e seu dominante, “the binding of elements of unequal status” (1994, p. 221) enquanto parataxe é uma relação entre elementos com estatuto igual, “the linking of elements of equal status” (1994, p. 221), um iniciando e o outro continuando a sequência. As orações paratáticas, em princípio, são simétricas e

transitivas, enquanto as hipotáticas são assimétricas e não-transitivas. A primeira dimensão, isto é, a das relações semântico-funcionais que constituem a “lógica” das línguas naturais, inclui a *expansão* e a *projeção* e é específica das relações inter-oracionais. A projeção e a expansão, por seu turno, incluem subvariedades. Com referência à última, a oração secundária expande a primária por *elaboração*, *extensão* ou *realce*. Com respeito à primeira, a oração secundária, projetada através da primária, pode instanciar uma locução ou uma idéia.

Portanto, para Halliday, eixo tático é referente à interdependência entre os elementos – que podem ser cláusulas, sintagmas ou palavras –, e nele há dois tipos de interdependência: paratática e hipotática. Na parataxe, há uma simples relação de *continuum* entre os elementos; na hipotaxe, porém, há uma relação de dominação entre o elemento modificado (o elemento dominante) e o elemento modificador (o elemento dependente). As relações de encaixamento não pertencem ao eixo tático, pois não estabelecem relações táticas com outras orações, mas apenas relações lógico-semânticas.

O sistema das relações semântico-funcionais forma o eixo lógico-semântico, que é a lógica das línguas naturais, e mostra a relação entre processos. Nesse eixo, há a projeção e a expansão e suas subvariedades.

Emprestando a expressão *hipotaxe de realce* de Halliday, Matthiessen e Thompson (1988) não consideram que as orações adverbiais façam parte da subordinação afirmando que os termos *subordinação* e *coordenação*, assim como os termos *dependente* e *independente*, são limitados à sentença, e não envolvem, muitas vezes, o contexto no qual estão as orações. Dessa forma, segundo tais autores (*ibid.*), a interdependência das orações de um enunciado complexo é completada com sua função discursiva, isto é, não é possível ser vista só no nível interno da sentença, pois cada unidade básica do discurso mantém alguma relação funcional com a unidade que a precede ou sucede.

Para Braga (2001, p. 26), Matthiessen e Thompson

se valem do rótulo *hipotaxe de realce*, mais adequado para eles do que subordinação, uma vez que livre das conotações associadas ao último termo. A utilização do rótulo não significa, todavia, uma adesão estrita à proposta do linguista inglês. Com efeito, para os dois primeiros autores, encaixamento inclui, além das orações relativas restritivas, os complementos oracionais que funcionam como sujeito e objeto. Recorde-se que, para Halliday, a categoria *encaixamento* compreende, além das orações que funcionam como pós-modificadores, apenas aquelas denominadas *atos* e *fatós*.

De acordo com Matthiessen e Thompson (1988), a organização retórica do discurso é refletida na gramática de combinação de cláusulas. Assim, diferentes tipos de relações retóricas que ocorrem nos textos são atualizadas por diversos processos de articulação de cláusulas. É possível, dessa forma, estabelecer uma analogia entre relações retóricas e hipotaxe: a hipotaxe faz o papel de gramaticalização da estrutura retórica, pois proporciona uma forma para a estrutura frasal. É nesse caminho que Matthiessen e Thompson consideram as relações, como as de condição, concessão, tempo e causa, relações retóricas existentes em qualquer parte do texto que podem se gramaticalizar na combinação de orações.

Na estrutura retórica do texto estão as relações núcleo-satélite e as multinucleares. Para Neves (2006, p. 33), “tais orações-satélites são termos opcionais, e, por isso mesmo, particularmente ligados a escolhas do falante, na sua busca natural do melhor cumprimento de funções no seu enunciado”. As relações retóricas que são formadas entre satélites e núcleos são relações pragmático-discursivas porque os satélites, geralmente, criam o contexto que é imprescindível para a compreensão de informações consideradas mais importantes. Os satélites são imprescindíveis para o entendimento do texto, de acordo com Matthiessen e Thompson (1988), por serem o meio através do qual o falante determina certos objetivos na comunicação. É também através deles que se torna possível ao ouvinte ter direções que o levam ao objetivo do texto.

Neves (2006, p. 34) explica que, por outro lado, as cláusulas de listagem ou multinucleares, nas quais não há partes servindo a outras partes, funcionam como núcleo. A autora complementa dizendo que o enunciador já constrói o texto com uma certa expectativa do julgamento do ouvinte. É, portanto, na situação do próprio discurso, na língua em uso, que é processado o caráter nuclear ou suplementar das partes.

Além desse conteúdo proposicional expresso pelas orações; há, no texto, proposições chamadas relacionais (MANN e THOMPSON, 1983, p. 45) que são implícitas. Elas aparecem pela combinação de partes do discurso que não estão necessariamente lado a lado. De acordo com os autores, quando uma proposição relacional estabelece alguma relação entre partes do texto, os argumentos discursivos não são correspondentes a pedaços literais do texto; tais argumentos estão vinculados a entidades conceituais originadas daquelas porções. Em outras palavras, para Mann e Thompson (*ibid.*), é possível a coexistência de várias proposições relacionais entre orações de um período complexo. Tais proposições relacionais aparecem em razão de combinações de partes do texto e são codificadas por estruturas sintáticas diferentes. Dessa forma, não é possível dizer que essas proposições estariam no bojo de uma

oração que estivesse desvinculada do contexto.

Decat (1999, p. 24) estabelece que é “muito mais funcional do que formal” a caracterização da proposição relacional, “levando-se em consideração a competência comunicativa do usuário da língua para fazer fluir a informação pertinente ao momento da interação verbal”. Por isso, elementos conectores não são primordiais para estabelecer as relações de sentido entre as orações, pois tais relações podem ser estabelecidas por outros meios. Essas várias possibilidades de uma cláusula ser articulada a outra mostram uma das propriedades básicas do discurso.

Um dos fatores considerados cruciais na conexão de orações para a interpretação de sentido é a ordem relativa das orações (NEVES, 2000, p. 787). Além disso, Neves (*ibid.*) aponta que “também tem grande importância a existência ou não de pausa entre a oração nuclear e a oração temporal”.

Givón (*apud* LIMA-HERNANDES, 2004) considera que as orações, preferencialmente, devem ser ordenadas de acordo com relações conceptivas ou temporais. Outro fator que ordena as orações, de acordo com o pesquisador, é o grau de importância delas, pois o mais urgente e importante é sempre dito antes.

Para Thompson (1985), diferentemente, as posições das orações temporais estão relacionadas aos diferentes papéis textuais. As orações que vêm antes da oração-núcleo criam o “pano de fundo”; são elas que orientam os eventos apresentados nas orações seguintes no eixo temporal. As orações que vêm postostas às nucleares restringem o dito na oração-núcleo.

2.3.1 Os processos de combinação de orações temporais.

A divisão das orações complexas em subordinação e coordenação, especificamente em relação à subordinação, não é bem aceita em muitos estudos teoricamente pautados no funcionalismo linguístico, perspectiva teórica aqui adotada. Thompson (1985), por exemplo, considera não haver critérios razoáveis para explicar tudo o que é classificado como subordinação. Assim, a pesquisadora considera dois tipos de subordinadas: (1) orações que desempenham função em outra oração – há neste tipo dois subgrupos de acordo com o termo relacional: se construídas com nome, são orações relativas (equivalentes às orações adjetivas restritivas); se construídas com verbo ou preposição, são orações-complemento (equivalentes às reduzidas de infinitivo e às objetivas respectivamente); e (2) orações que não desempenham função em outra oração e, por isso, não são dependentes.

Já Lehmann (*apud* HOPPER, 1991, p. 217) lança mão dos seguintes

fatores, na caracterização das subordinadas: hierarquia gradual de orações subordinadas; nível sintático do constituinte a que a oração subordinada se liga; dessentencialização da oração subordinada; gramaticalização do verbo principal; entrelaçamento das duas orações; e explicitude do elo conectivo.

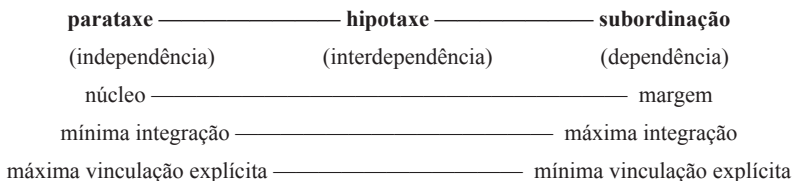
Com a combinação desses fatores, o pesquisador organiza dois parâmetros, elaboração e condensação, que refletem a organização dos processos de ligação de orações em graus:

Elaboração	β-----à	Condensação
Fraco parataxe	Rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada	Forte encaixamento
Alto sentença	Nível sintático	Baixo palavra
Fraco cláusula	Dessentencialização	Forte nome
Fraco Verbo lexical	Gramaticalização do verbo principal	Forte afixo gramatical
Fraco Cláusulas disjuntas	entrelaçamento	Forte Cláusulas
Máximo sindética	Explicitude de articulação	Mínimo assindética

Quadro 1: Organização dos processos de ligação de orações em graus.
Fonte: HOPPER, 1991

Hopper e Traugott (1993), sob a perspectiva da gramaticalização, postulam haver um *continuum* no processo de integração de cláusulas, em que se verificam os seguintes estágios: parataxe (caracterizado pela independência entre as orações que compõem a sequência); hipotaxe, (caracterizado pela interdependência entre as orações combinadas, havendo uma oração-núcleo e uma ou mais orações com relativa dependência, as orações-satélite); subordinação (caracterizado pelo grau máximo de dependência, com uma das orações funcionando como constituinte de outra).

As relações entre os estágios apresentados são representadas por Hopper e Traugott (*ibid.*) da seguinte forma:



Quadro 2: relações entre os estágios do processo de integração de cláusulas.

Fonte: Hopper e Traugott (1993)

Em seu trabalho, Lima-Hernandes (2004) traça o *continuum* de estágios de gramaticalização de orações complexas que codificam a noção de tempo, utilizando-se da representação anteriormente mostrada. Para tal, a autora, com o fim de evitar confusão de nomenclaturas, substitui o termo *subordinação* por *encaixamento*. Lima-Hernandes (2004) discute os graus de gramaticalização das orações de tempo do português e, com base em dados dos dialetos carioca e popular paulista, propõe a descrição dos usos e explanação das implicações sintáticas para os processos de combinação de orações sob a perspectiva da gramaticalização.

É importante destacar que a análise de Lima-Hernandes se baseia em dados de natureza sincrônica. Tendo em vista esse aspecto, explica a autora que

já que a mudança linguística se concretiza de forma lenta e gradual, num estudo sincrônico, como é o caso deste, é possível observar as variações de uso que podem ou não desencadear mudanças lingüísticas. Em outras palavras, em sincronia, é possível identificar layerings, camadas de usos que convivem, mas com idades diferentes. Para identificar essas camadas ou graus de gramaticalização, a observação das conjunções é essencial como índice de uma gramática que está sempre em construção, sempre se renovando, embora, conforme HARRIS & CAMPBELL (1995), valendo-se dos recursos já existentes na língua. Uma vez que gramaticalização também é processo evolutivo pelo qual itens gramaticais surgem (CRAINING 1991:45), a observação do elemento articulador das orações não pode ser desprezada.

A noção de tempo, no português do Brasil, conforme Lima-Hernandes (2004), pode ser formalizada através dos processos de combinação envolvendo parataxe, hipotaxe, encaixamento e, ainda, estruturas intermediárias, conforme

detalhado a seguir, com exemplos extraídos do *corpus* formado por redações de alunos do segundo segmento do ensino fundamental¹.

2.3.1.1 Parataxe – estruturações justapostas e intermediárias.

O processo no qual as orações aparecem lado a lado sem conectores ligando-as é chamado justaposição. Nos exemplos a seguir, retirados do *corpus* formados por redações dos alunos do segundo segmento do ensino fundamental, foram marcadas: (1) em *itálico*, a cláusula correspondente à estrutura justaposta, (2) em **negrito**, a estruturação intermediária 1, que corresponde às ocorrências nas quais as cláusulas são acompanhadas de sequenciadores narrativos do tipo *e, então, aí e depois*².

[1] *Chegou o dia* todos se reuniu no mesmo lugar (ZS7-33);

[2] **Aí chegou lá** o médico disse: ele vai levar 7 pontos (ZN7-4);

[3] **Então a menina foi lá**, [...] e falou (ZS7-34);

2.3.1.2 Hipotaxe – graus em finitude.

As orações que codificam o tempo da ação expressa na oração-núcleo são classificadas como hipotáticas de realce. Essas aparecem no português em duas formas distintas, em termos de grau de finitude do verbo da hipotática: finitas e não finitas.

As orações finitas de tempo equivalem às orações tradicionalmente denominadas *subordinadas adverbiais temporais desenvolvidas*:

[4] **Quando eu era criança** fazia muita bagunça (ZN9-28);

As orações não finitas usam verbos nas formas nominais, equivalem a uma oração temporal quando desenvolvidas. As orações que codificam o tempo da ação expressa na oração-núcleo são as hipotáticas de realce:

[5] **chegando lá** me arrumei para jogar bola (ZN8-11);

1 As redações estão codificadas da seguinte forma: ZN para as redações da primeira escola e ZS para as da segunda; o número a seguir indica o ano escolar do aluno; e o último número determina apenas a ordem em que se encontra o texto entre as redações daquele ano escolar no corpus. Assim, a referência ZN7-8 refere-se a um dado da oitava redação pesquisada entre os textos de alunos do 7º ano da primeira escola.

2 Nos casos das coordenadas prototípicas, os conectores costumam estar entre as orações; contudo, isso não ocorre nos exemplos apresentados, já que os conectivos aparecem na primeira oração.

2.3.1.3 Encaixamento – graus intermediários e prototipicidade.

A oração encaixada faz parte de uma sequência na qual integra, como complemento, uma outra oração, que é chamada matriz. Lima-Hernandes (*ibid.*, p. 188) considera

estruturas de encaixamento as seguintes: estruturação intermediária 2 e estruturação de encaixamento prototípico. A estruturação intermediária 2 representa um conjunto de estruturas compostas por oração matriz e oração de tempo numa noção de encaixamento próxima ao da formação por relativização da gramática gerativa. A diferença resume-se em dois aspectos: ao tipo de pronome relativo empregado e à equivalência morfológica da oração.

A autora explica que, nas estruturas intermediárias 2, de acordo com a gramática gerativa, o pronome *que* é sempre empregado, tornando a oração funcionalmente equivalente a um adjetivo. Já nas estruturas intermediárias de encaixamento prototípico, *quando* é usado como pronome relativo, tornando a oração equivalente morfológicamente a um advérbio. Acrescenta ainda a autora:

tanto em uma estrutura quanto em outra, o rótulo é aplicável a construções que podem desempenhar funções sintáticas de adjunto adnominal e de aposto. Os dados do português revelam exemplos de orações combinadas num processo muito próximo da “relativização” em dois níveis: um nível mais encaixado, mais integrado, mais necessário para o sentido da oração matriz e outro nível menos encaixado, mais independente, menos necessário para o sentido da oração matriz. Esses dois níveis de encaixamento com o emprego do conectivo quando resultaram em dois tipos de orações (determinativa e apositiva) [...]. (*ibid.*)

São classificadas como determinativas as estruturações cujos conectores relacionam a proposição posterior ao termo antecedente, restringindo-o ou especificando-o. Tal informação é tida como imprescindível ao sentido pretendido pelo falante, o que é mostrado no exemplo seguinte:

[6] Na quele dia, **quando eu acordei** eu já sabia que não ia ser um dia normal (ZS7-31).

São consideradas apositivas as estruturas oracionais cujo conector desempenha a função sintática de relacionar a proposição posterior ao termo antecedente. O relativo *quando*, neste tipo de oração, introduz uma informação

acessória. As orações apositivas representam, assim, uma informação tida como prescindível em relação ao termo antecedente, parte da oração matriz:

[7] Hoje **quando eu vinha vindo pra escola pra fazer essa tal de “Cronica”**.
Eu encontrei uma mulher (ZN8-4).

A estruturação intermediária 3 – encaixamento, de acordo com Lima-Hernandes (2004, p. 189),

representa parcialmente o conjunto das chamadas subordinadas na gramática tradicional, uma vez que identifica as orações com funções de substantivo e de adjetivo dentro de outras orações. Todas as orações que funcionam como constituinte sintático substantivo da oração matriz fazem parte deste conjunto de encaixamento prototípico. É importante notar que essas orações assumem um caráter ambíguo: ao mesmo tempo em que admitem uma classificação de oração-complemento, podem perfeitamente admitir uma classificação de oração-satélite, daí o rótulo estruturação intermediária.

Assim sendo, são orações que desempenham funções dentro da oração matriz:

[8] Era um belo dia **quando Luciane estava indo para a aula de teatro** (ZS7-20);
[9] mas o ruim é **quando você se apega ao animal** (ZN9-22);
[10] Não gosto **quando as pessoas mentem pra mim** (ZS6-10).

Das orações encaixadas que têm função adjetiva junto à matriz, fazem parte todas as orações combinadas pela noção de tempo que integrariam o conjunto das orações adjetivas pela gramática tradicional. Elas são formalmente diferenciadas pela finitude do verbo. Tais orações são introduzidas pelo pronomes relativo *que* antecedido por um sintagma nominal:

[11] só que teve um dia **que eu estava tomando banho** e ele [um fantasma] apareceu (ZS6-41);
[12] na hora **que ela ia fala a ideia dela** a mãe delas chamaram elas (ZS7-33).

Na sequência, a análise dos dados considerando os processos de combinação envolvendo parataxe, hipotaxe, encaixamento e estruturas intermediárias.

3. A análise.

Como anteriormente assinalado, a análise dos dados se desenvolveu na esteira da descrição proposta por Lima-Hernandes (2004). Assim sendo, no *corpus*, constituído de 150 redações, foram pesquisadas e contabilizadas, em termos percentuais, as ocorrências das diferentes formas de conexão das orações nas quais verificou-se a expressão do tempo: parataxe, hipotaxe, encaixamento e estruturas intermediárias. Foram avaliadas, ainda: (1) a ordenção das orações complexas em que se observou a expressão do tempo, (2) as ocorrências dos conectivos utilizados para introduzir as orações temporais.

As ocorrências foram quantificadas por aluno/redação e não pelo número de vezes em que apareceram em cada redação. Desta forma, por exemplo, mesmo que determinada estruturação tenha ocorrido dez vezes em uma mesma redação, foi computada apenas uma ocorrência. Tal opção se deu em função da discrepância, em termos de extensão, que se verificou entre as redações que constituem o *corpus*, além de basear-se em observação preliminar que demonstrou haver uma tendência à utilização reiterada, pelos alunos em geral, de um mesmo tipo de estruturação em seus textos.

Ainda, em relação ao *corpus* que forneceu os dados aqui analisados, cumpre informar que as redações que o compõem foram escritas por alunos dos quatro anos finais do ensino fundamental do Rio de Janeiro, recolhidas em duas escolas municipais³, com a seguinte distribuição: 51 do 6º ano, 52 do 7º ano, 18 do 8º ano e 29 do 9º ano, perfazendo um total de 150 redações⁴.

Embora a natureza do *corpus* e dos dados por ele fornecidos se prestem a investigações e indagações de ordens diversas (poder-se-ia, por exemplo, considerar a distribuição por ano escolar e, assim, observar se há, ou não, na medida em que se aumenta a escolaridade, uma aproximação da modalidade escrita ensinada na escola), o propósito deste artigo se restringe a verificar de que maneiras, nessas redações, são estabelecidas as conexões das orações nas quais se verifica a expressão do tempo, buscando desvelar e entender as motivações que influenciam a organização de tais orações complexas. Ficam,

3 As escolas têm padrão semelhante: são escolas públicas com grande parte da clientela oriunda de comunidades carentes do Rio de Janeiro (uma na zona norte, cuja maioria dos alunos é proveniente do Jacarezinho; e uma na zona sul, frequentada por moradores da Rocinha). As duas possuem Salas de Leituras e de Informática. A escola S possui, ainda, um laboratório de Ciências.

4 O corpus foi constituído por Lima (2012), para sua pesquisa de Dissertação de Mestrado, que serviu de base para este trabalho.

portanto, para trabalhos futuros, o desafio de abordar o fenômeno sob outras perspectivas.

A seguir, são apresentados exemplos extraídos do *corpus* e o percentual correspondente ao tipo de ocorrência em análise.

3.1 Parataxe – estruturações justapostas e intermediárias.

A parataxe engloba as estruturação justaposta e a estruturação intermediária 1. As orações temporais, na parataxe, têm um grau máximo de independência, pois não são constituintes da oração matriz. Segundo Lima-Hernandes (2004), a noção do tempo dessas estruturas é resultante da entonação especial atribuída às duas orações justapostas. A estruturação justaposta foi encontrada em apenas duas redações (1,33%):

[13] **Chegou o dia** todos se reuniu no mesmo lugar (ZS7-33).

Na estruturação intermediária 1, as orações temporais ocorrem acompanhadas de sequenciadores narrativos como *e*, *então*, *ai* e *depois*. De acordo com Lima-Hernandes (2004), como o conector se encontra na primeira oração na sequência do período, não é possível considerar tais orações como coordenadas. Este tipo de estruturação foi encontrado em 10 redações (6,66%):

[14] **E passano o tempo** ela veio se transformado (ZS6-35);

[15] **ai eu estava passando** ai vi um homem se afogando (ZN7-5);

[16] **Ai passou uns tempos** a polícia parou o ônibus e prendeu os dois (ZN7-8);

[17] mais tinha dois caminhos então ele tinha duas opção um ele já sabia ir o outro não **então ele já estava no meio do caminho** então ele perguntou pra irmã dele (ZN7-14).

Há casos, como em [15], por exemplo, nos quais só uma das ocorrências do sequenciador narrativo *ai* foi interpretada como referente ao tempo, tendo sido a outra entendida como redundante. Nesse exemplo, há uma estruturação intermediária 1 somente se for considerada a primeira ocorrência de *ai* como marcador temporal.

3.2 Hipotaxe – graus em finitude.

As orações hipotáticas ocorrem, em língua portuguesa, de duas formas diferenciadas pelo grau de finitude do verbo. Podem ser finitas ou não finitas.

Nas redações analisadas, as hipotáticas finitas somaram 99 ocorrências (66%):

[18] ela foi a procura de uma escola para se formar, **enquanto ela trabalhava em uma loja (ZS7-43)**;

[19] Num certo dia **enquanto uma velinha atravessava a rua** ela tropeçou **(ZS6-48)**;

[20] **Quando eles foram embora para casa**, brigaram **(ZN8-3)**;

[21] **Quando o meu time tomou o gol** eu pensei que o meu time ia perder **(ZN7-7)**.

Do grupo das hipotáticas não finitas, fazem parte todas as hipotáticas com o verbo nas formas nominais. Foram encontradas, no *corpus*, apenas duas ocorrências de oração com o verbo no infinitivo (1,33%) e uma com o verbo no particípio (0,66%); todos os outros casos de hipotáticas não finitas ocorreram com verbos no gerúndio (15,33%). Há um total de 26 ocorrências com esta estruturação (17,33%):

[22] Eu queria que todos morressem de raiva **ao saber que eramos tudo isso (ZN9-27)**;

[23] **Passado um dia** Maria ficou pensando em que ia dizer a sua mãe **(ZS7-16)**;

[24] Um belo dia eu fui treinar no flamengo meu time preferido e **chegando lá** me arrumei para jogar bola e fui treinar **(ZN8-11)**.

3.3 Encaixamento – graus intermediários e prototipicidade.

Há dois casos com esse tipo de estruturação: a estruturação intermediária 2 e a estruturação intermediária 3.

Na estruturação intermediária 2, a oração iniciada pela conjunção *quando*, que age como um pronome relativo, é considerada uma oração encaixada e ocupa, morfológicamente, o lugar de um advérbio.

Nesta estruturação há dois subtipos: determinativo e apositivo. No determinativo, a oração temporal iniciada pelo conector equivale a um adjunto adnominal, conforme demonstram os exemplos a seguir. Verificaram-se ocorrências deste subtipo em 11 redações (7,33%):

[25] Hoje **quando eu vinha vindo pra escola** [...] eu encontrei uma mulher (ZN8-4);

[26] Um dia **quando Joãozinho estava brincando** ele caiu (ZN6-30);

[27] Na escola **quando as pessoas vinham me zoar** eu nem dava confiança (ZN9-21).

No segundo subtipo, o apositivo, a oração de tempo traz uma informação acessória sobre o termo antecedente. Esta estruturação parece dar conta da necessidade de se reforçar a ideia de tempo já exposta na oração anterior. A estruturação apositiva observou-se em 3 redações (2%):

[28] ela sentou numa cadeira e ficou relembando quando era jovem **quando podia brincar correr, pular** (ZN9-17).

Passando para a estruturação intermediária 3, que reúne orações com funções de substantivos ou adjetivos da oração matriz, conforme os exemplos a seguir, cumpre assinalar que este tipo de estrutura verificou-se em 16 redações (10,66%):

[29] Ninguém sabe **quando uma adolescente pode se transforma em um adulto** (ZN7-17);

[30] Era uma quarta-feira **quando eu fui busca meu irmão na escola** (ZS7-39).

3.4 Ordenação das orações complexas em que há expressão do tempo.

Como se pode observar nos exemplos [22] e [23] e [27], as orações temporais podem estar em posições diferentes nos enunciados em que figuram. Nos dados analisados, foram encontrados 114 casos (76%), contra 36 (24%), em que a oração que carrega a marca de tempo ocorre antecedendo a(s) outra(s).

Dada a importância já mencionada de se observarem os conectores utilizados para estabelecer as relações entre as orações, a seção seguinte é dedicada à quantificação dos conectores empregados para estabelecer relações de tempo nas redações analisadas.

3.5 Conectores empregados no estabelecimento de relações de tempo.

Considerando-se um total de 121 ocorrências de conectores nos dados em análise, constatou-se o emprego predominante do conector prototípico *quando*, 97 ocorrências, para expressar o tempo da oração matriz (80%). Os demais

conectores utilizados, somados perfazem um total de 24 ocorrências (20%).

A seguir, são apresentados exemplos que ilustram as ocorrências dos conectores encontrados nas redações analisadas.

- Uso de *quando*: 97 empregos (80%):

[31] **Quando Luciane foi na cozinha** ela chamou a sua mãe para ir com ela (ZN7-3).

- Uso de *sempre que*: 4 empregos (3,3%):

[32] **sempre que ela saia da escola** as outras meninas se formava em grupo, e seguia a Lorena (ZN8-18).

- Uso de *assim que*: 2 empregos (1,65%):

[33] **assim que** ele chegou agiu de uma forma diferente (ZN7-1).

- Uso de *logo após*: em 1 emprego (0,82%):

[34] e **logo após de Marta se centar** ela puxou a cigarra (ZS6-22).

- Uso de *toda vez que*: 3 empregos (2, 48%):

[35] **toda vez que Kely ia pra lá** ela e sua amiga comesava a inventar várias coisas (ZS7-19).

- Uso de *depois (que, de)*: 6 empregos (4,96%):

[36] **depois dele conseguir subir na vida** ele só foi ganhando prêmios e mais prêmios (ZN8-16).

- Uso de *após*: 1 emprego (0,82%):

[37] **após encontrar a casa**, ela foi a procura de uma escola para se formar (ZS7-43).

- Uso de *antes de*: 2 empregos (1,65%):

[38] converçamos **antes da seção começar** ela perguntou por você (ZS6-39).

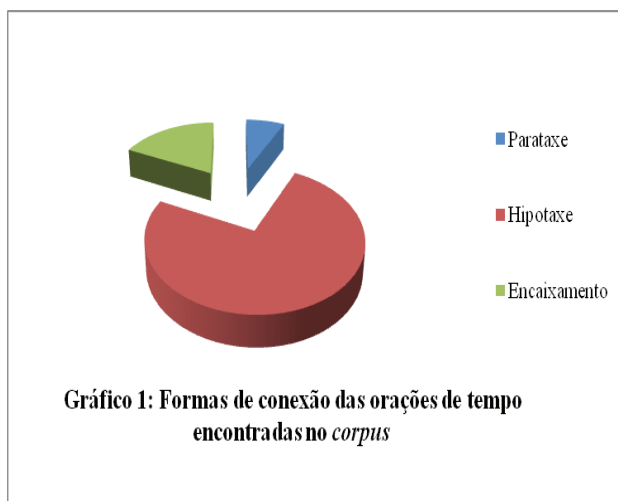
- Uso de *enquanto*: 5 empregos (4,13%):

[39] **Enquanto elas estavam brincando** veio um dragão (ZS7-51).

4. Discussão dos resultados.

Este trabalho se propôs a levantar e analisar as diversas ocorrências e formas de conexão das orações de tempo em redações de alunos do segundo segmento de duas escolas públicas do Rio de Janeiro. A partir dos resultados encontrados, é possível apresentar algumas conclusões.

A primeira delas diz respeito à supremacia no uso de estruturações hipotáticas, relativamente às paratáticas e encaixadas, conforme demonstra o gráfico a seguir.



Considerando-se particularmente as hipotáticas, é importante ainda destacar que 79% de suas ocorrências (99 casos em 125) correspondem a orações finitas.

Entre as hipotáticas não finitas encontradas, em que prevalece o emprego do gerúndio, há três ocorrências com verbo no infinitivo e uma com verbo no particípio. Esses casos podem representar um uso específico da linguagem escrita, já que não foram registradas ocorrências como essas no *corpus* de linguagem oral pesquisado por Lima-Hernandes (2004).

Outra conclusão a que se chega, com base nas orações complexas analisadas, é a de haver clara preferência, em termos de ordenação, de a oração temporal anteceder a(s) outra(s). Tal tendência pode ser explicada pelo Princípio de Iconicidade; pois, conforme Givón (*apud* LIMA-HERNANDES, 2004), as orações, preferencialmente, são ordenadas de acordo com relações conceptivas ou temporais.

No que se refere ao emprego de conectores, pode-se concluir que o conector *quando* é o mais utilizado pelos alunos para estabelecer a noção de tempo (80%). As ocorrências de outros conectores atingiram um percentual bem inferior (20%), principalmente se se considera que tal percentual relaciona-se ao emprego de 8 diferentes conectores. Tal quadro pode ser melhor compreendido se considerado o fato de que *quando* é um conector bastante utilizado na linguagem corrente.

Por fim, com base nos achados relatados, pode-se concluir que os resultados desta pesquisa demonstram não só a confirmação de alguns pressupostos funcionalistas, mas também uma influência acentuada da modalidade oral na produção escrita dos alunos cujas redações serviram de base à análise realizada.

Como já destacado, existem outros aspectos a serem investigados, relativamente ao fenômeno em estudo, que deverão ser objetos de pesquisas futuras. Entretanto, como em qualquer pesquisa que se desenvolve, o primeiro passo é conhecer, ou seja, descrever o fenômeno em investigação. Este primeiro passo foi dado com este trabalho.

Referências.

- ABRAÇADO, J. A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização. *SCRIPTA* 2006. 9(18):130-48.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Publifolha, 2008.
- _____. Processos de combinação de orações: enfoque funcionalistas e gramaticalização. *SCRIPTA* 2001. 5(9):23-34.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. New York: Cambridge University, 1976.
- COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: FENAMÉ, 1975.
- DECAT, M. B. N. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em

- português. In: CAMPOS, Odette A. S. (Org.). Descrição do português: abordagens funcionalistas. Série Encontros. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP, Campus de Araraquara, ano XVI, n.1, p. 299-318, 1999.
- ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. In: MARÇALO, M. J.; LIMA-HERNANDES, M. C. (eds.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold, 1985.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, R. *A expressão de tempo em português*. São Paulo: Contexto, 2001.
- LIMA-HERNANDES, M. C. Estágios de gramaticalização da noção de tempo — processos de combinação de orações. VEREDAS 2004. 8;(1):183-94.
- LIMA, M. L. M. *Conexão de orações: a expressão do tempo em redações de alunos do segundo segmento do ensino fundamental*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Relational proposition in discourse*. California: University of Southern, 1983.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Assertions from discourse structure*. California: University of Southern, 1985.
- MARTELOTTA, M. E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. 1993. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000. _____ *Texto e gramática*. São Paulo. Contexto, 2006.
- NUNES, B. J. V. C. *O tempo na narrativa*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PONTES, E. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.